

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado Class.: _____

Data: 04/11/84 Pg.: _____

Índios parakana podem se revoltar depois de 64 anos

Belém — A 90 quilômetros de Marabá e sete da margem esquerda da Rodovia Transamazônica vivem cerca de 149 índios Parakana, cujo futuro nem os pajés da tribo podem prever. No passado foram uma nação forte, mas pacífica. Em muitos anos só uma vez os Parakanas se revoltaram. Foi em 1920, com o assassinato de uma pequena índia por trabalhadores da estrada de ferro Tocantins. Então, atacaram todos os brancos desde o KM 50 até as proximidades de Tucuruí, expulsando os colonos de suas áreas e forçando os operários da ferrovia recorrerem às armas para rechaçar os ataques.

Os Parakana estão nesta região desde o século passado e eram originalmente um povo nômade, vivendo exclusivamente da caça, pesca e pequenas lavouras. Esses índios, contudo, sempre foram perseguidos. Primeiro pelos Assurinin, senhores da reserva Tocará, depois pelas frentes de penetração branca na selva amazônica, mais tarde pelos Gavião e, finalmente, pela Eletronorte, com métodos mais espertos e sofisticados: em lugar de confrontos armados, as armadilhas da lei.

Em 1920, depois do ataque em represália à morte da pequena índia, um posto do antigo Serviço de Proteção ao Índio foi instalado na região para tentar atrair os Parakana. Mas os contatos definitivos só foram possíveis em 1970. Essa atração foi extremamente danosa para os índios, que se viram dizimados por "doenças de brancos". Dos 300 Parakana daquela época restaram 140, dos quais apenas 40 são homens preocupados com a sobrevivência da tribo. Quem

os visita tem a impressão de estar numa comunidade qualquer do interior da Amazônia, tal tem sido a caracterização da tribo nos últimos anos. Em lugar das tangas e vistosos cocares, trajam camisetas de meia, com inscrições em inglês ou propaganda de produtos industrializados. Os visita tem a impressão de estar terra, ainda construir uma aldeia igual a "mãe Maria", de seus antigos inimigos, os Gaviões localizados a 60Kms de Marabá. Os chefes Arakitan, Uati e Arakatu prometem lutar por esse ideal: "Quero estrada, casa de madeira boa, demarcação da reserva e indenização da antiga área, escola e pista de avião na aldeia", explicam os líderes.

Antes, porém, querem sua antiga reserva de volta, mesmo sabendo que boa parte das terras ficará submersa pelo Lago de Tucuruí. "A Eletronorte nos enganou, assegura Uiatí. Disseram que toda a área seria inundada e quando saímos colocaram colonos lá". A tradição e a aparência de povo pacífico dos Parakana tem limite. E eles, há duas semanas, já demonstraram que, apesar de quantitativa inexpressivos, são capazes de enfrentar os desafios que ameaçam a sobrevivência da tribo. Visitaram as 700 famílias assentadas na antiga reserva, avisando para se retirarem o mais rápido possível das terras. E ganharam assim novos aliados na luta pela normalização dos problemas fundiários na área da reserva os próprios colonos, amedrontados, estão pressionando a Eletronorte a encontrar uma solução: "Estamos entre as águas da represa e as flexas dos índios".